

Vladimir Megre

ANASTASIA

LIVRO 1 DA COLECCÃO
OS CEDROS RESSOANTES
DA RÚSSIA

Nova edição revista pelo autor
com novos capítulos adicionados



Tradução integral do Russo por:
Ana Mouga

JOANNE GRIBLER, EDITORA

TÍTULO Anastasia – Livro 1 da Coleção Os Cedros Ressoantes da Rússia | 1ª edição, Março 2008 | 2ª edição, Julho 2010 | 3ª edição revista pelo autor, Novembro 2011 | 1ª edição em Russo, Moscovo, 1996 | TÍTULO ORIGINAL Анастасия | AUTOR Vladimir Megre (Владимир Мегре) | TRADUÇÃO Ana Mougá | REVISÃO Gabriela Cunha | IMPRESSÃO Tipografia Lousanense | ISBN 000-000-00000-0-0 | DEPÓSITO LEGAL 000000/00

© edição Russa por Vladimir Megre

© Reservados todos os direitos para a língua portuguesa de acordo com a legislação em vigor por JOANNE GRIBLER, EDITORA, Portugal | T. (+351) 239 423 338 | editora@cedrosressoantes.com | www.cedrosressoantes.com

É expressamente interdita a reprodução parcial ou integral desta obra por qualquer processo, incluindo a fotocópia e a tradução e transmissão em formato digital. Exceptua-se a reprodução de pequenos excertos para efeitos de recensão crítica ou devidamente autorizado por escrito pela JOANNE GRIBLER, EDITORA

Correspondência com o autor:

Vladimir Megre

PO BOX 44

630121 Novosibirsk

Russia

www.vmegre.com

Vladimir Megre

Os Cedros Ressoantes da Rússia

Livro 1
Anastasia

Livro 2
Cedros Ressoantes da Rússia

Livro 3
Espaço de Amor

Livro 4
Co-criação

Livro 5
Quem Somos?

Livro 6
Livro da Família

Livro 7
Energia da Vida

Livro 8/1
A Nova Civilização

Livro 8/2
Ritos de Amor

Livro 10
Anasta

Índice

Capítulo 1 – Perestroika	7
Capítulo 2 – O Cedro Ressoante	17
Capítulo 3 – O encontro	36
Capítulo 4 – Animal ou pessoa?	45
Capítulo 5 – Quem são eles?	49
Capítulo 6 – Um quarto na floresta	54
Capítulo 7 – A manhã de Anastasia	56
Capítulo 8 – O pequeno raio de Anastasia	60
Capítulo 9 – Concerto na Taiga	68
Capítulo 10 – Quem acende uma nova estrela?	75
Capítulo 11 – Os seus queridos <i>Dachniki</i>	90
Capítulo 12 – Conselhos de Anastasia	94
Capítulo 13 – Dormindo sob a sua estrela	109
Capítulo 14 – A mulher das estrelas	111
Capítulo 15 – Um ajudante para educar o seu filho.....	118
Capítulo 16 – A escola da floresta	124
Capítulo 17 – Atenção para com o ser humano	128
Capítulo 18 – Discos voadores? Nada de extraordinário!	135
Capítulo 19 – O cérebro, um super computador	142
Capítulo 20 – «O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens»	152
Capítulo 21 – É preciso mudar a forma de ver o mundo.....	156
Capítulo 22 – Um pecado mortal	159

Capítulo 23 – Tocando o paraíso	164
Capítulo 24 – Quem educará o nosso filho?	169
Capítulo 25 – Através da fresta do tempo	174
Capítulo 26 – Uma moça estranha	176
Capítulo 27 – Insectos	185
Capítulo 28 – Sonhos – criando o futuro	188
Capítulo 29 – Através da fresta do tempo das forças obscuras ...	202
Capítulo 30 – Pessoas fortes	214
Capítulo 31 – Quem és tu, Anastasia?	226
Mensagem de Vladimir Megre aos leitores	233

CAPÍTULO 3



O encontro

Sem explicar nada a ninguém, decidi atracar o navio perto do local onde, no ano anterior, tinha encontrado os velhotes. Fui sozinho à povoação, num pequeno barco a motor, e dei ordem ao comandante do navio para continuar ao longo do itinerário de comércio.

Tinha esperança de encontrar os dois velhotes siberianos com os quais tinha falado no ano anterior, com a ajuda dos habitantes locais, e de ter assim a possibilidade de ver com os meus próprios olhos o cedro ressoante, combinando depois com eles a forma mais económica de o trazer para o navio.

Ao dirigir-me a uma das casas mais próximas, depois de amarrear o barco a motor a uma pedra, vi uma mulher sozinha na margem do rio e aproximei-me dela na esperança de obter dela alguma informação interessante para mim.

A mulher estava vestida com um casaco acolchoado bem antigo, uma saia comprida e trazia calçadas umas galochas altas de borracha, como as que usam muitos dos habitantes do interior Norte no Outono e na Primavera. Na cabeça trazia um lenço atado de tal modo, que lhe tapava completamente a testa e o pescoço. Era difícil perceber quantos anos tinha. Saudei-a e falei-lhe sobre os dois velhotes que tinha encontrado no ano anterior.

– No ano passado foram o meu avô e o meu bisavô que falaram contigo, Vladimir – respondeu a mulher.

Fiquei admirado – a voz era jovem, a pronúncia muito clara, tratou-me logo por «tu» e ainda disse o meu nome.

Eu não me recordava do nome dos velhotes. Ter-nos-íamos apresentado? Pensei: «Certamente apresentámo-nos, uma vez que ela sabe o meu nome». Decidido também a tratá-la por «tu», perguntei:

– Como te chamas?

– Anastasia – respondeu a mulher. E estendeu-me a mão com a palma virada para baixo, como se fosse para ser beijada.

Achei engraçado aquele gesto de mulher da aldeia vestida com um casaco velho e galochas, na margem deserta do rio a tentar comportar-se como uma senhora de alta sociedade. Apertei-lhe a mão, claro que não a beijei.

Anastasia sorriu envergonhada e propôs-me que fosse com ela até à taiga, onde vivia a sua família:

– Mas é preciso caminhar vinte e cinco quilómetros pela taiga, isso não te incomoda?

– Bem, é bastante longe, respondi eu à mulher. E pensei para comigo «Ir pela taiga, onde não há caminhos, durante vinte e cinco quilómetros, não é simples. Deveria levar algum dos seguros, mas para isso teria que alcançar o navio que partiu e não tenho nenhuma forma de comunicar com eles» Para não perder tempo decidi ir sozinho. Mas confirmei com a mulher:

– Podes mostrar-me o cedro ressoante?

– Posso.

– Sabes tudo sobre ele? Contas-me?

– Conto-te o que sei.

– Então, vamos.

Pelo caminho, perguntei a Anastasia há quanto tempo ela vivia isolada na taiga.

Anastasia contou-me que a sua família e os seus antepassados, de geração em geração, todos vinham vivendo na floresta de cedros. E isto, segundo o seu avô e bisavô, acontecia desde há milhares de anos. Contou-me ainda que muito raramente entravam em contacto com as pessoas da nossa sociedade civilizada, e que esses contactos ocorriam, não nos locais em que vivem permanentemente, mas sim quando iam aos lugares povoados, disfarçados de caçadores ou de moradores de outras povoações.

Anastasia estivera em duas cidades: Tomsk e Moscovo. E isto apenas por um dia¹, sem sequer passar lá a noite. Ela queria ver se não se enganara na sua ideia acerca do estilo de vida das pessoas da cidade. Tinha conseguido roupa e dinheiro para a viagem a vender bagas e cogumelos secos, e o passaporte tinha-lhe sido emprestado por uma mulher da aldeia.

Anastasia não concordava com a ideia do avô e do bisavô, de distribuir o cedro ressoante com as suas propriedades curativas, a muitas pessoas. Quando lhe perguntei porquê, ela respondeu-me que os pedacinhos do cedro seriam entregues tanto a boas como a más pessoas, e que o mais provável era que fossem apanhados na sua maior parte por indivíduos negativos para, no final, trazer mais malefícios do que benefícios. O mais importante, a seu ver, era ajudar o bem e as pessoas que fazem o bem. Ao ajudar todos, não se muda o desequilíbrio entre o bem e o mal, e pode ainda piorar-se a situação.

¹ Na Rússia, antes da *Perestroika*, era necessário ter uma espécie de visto para entrar e permanecer nas grandes cidades.

Depois do encontro com os velhotes tinha ido pesquisar a literatura de ciência popular, assim como uma série de obras históricas e científicas, nas quais se falava sobre as qualidades extraordinárias do cedro. Tentava agora entender o que Anastasia dizia sobre o estilo de vida das pessoas dos bosques de cedros e pensava: «O estilo de vida deles pode-se comparar com o quê ou com quem?»

Eu comparava-os à família Lykov², que penso ficou famosa principalmente através das publicações na imprensa. Era uma família que também tinha vivido muitos anos auto-suficiente na taiga.

Quando uns geólogos os descobriram por acaso, escreveram sobre eles nos jornais e eu tinha até memorizado um título: «*Beco da Sibéria*». Falavam sobre eles em programas de televisão.

Após ler as publicações na imprensa, tinha ficado com a impressão de que os Lykov eram pessoas que conheciam bastante bem a Natureza, mas eram ignorantes em termos de educação e de compreensão da vida moderna. Aqui, a situação era diferente. Anastasia dava a impressão de ser uma pessoa muito bem informada sobre os problemas da nossa sociedade civilizada... parecia que sabia algo mais que eu não entendia muito bem. Ela debatia muito à vontade o tema da nossa vida citadina, conhecia-a.

Nós caminhamos uns cinco quilômetros, penetrando na floresta, e eu fiquei extremamente cansado porque não havia nenhum caminho e nem sequer um trilho, e tínhamos que passar por cima de árvores caídas e afastar ramos de arbustos. Mas como a mulher que seguia à minha frente não parecia sentir nenhuma cansaço, não

² Lykov – uma família que viveu em isolamento auto-imposto na taiga, desconhecida para o mundo exterior durante a maior parte do período Soviético. Foram descobertos por um grupo de geólogos em 1978. A sua história é contada pelo jornalista da Komsomolskaia Pravda, Vasily Peskov no seu livro *Perdidos na taiga*.

me sentia à vontade para mostrar a minha fraqueza perante ela, propondo que parássemos para descansar.

Quando chegámos a uma pequena clareira, ao longo da qual corria um pequeno riacho, a mulher disse:

– Provavelmente estás cansado, verdade, Vladimir? Se quiseres, podemos descansar à beira deste pequeno riacho.

– Não estou muito cansado, mas está na hora de trincar alguma coisa – respondi, e sentei-me de imediato na erva da clareira, tirando de seguida da mochila as sandes e um frasco achatado com bom conhaque, propondo a Anastasia que bebêssemos. Mas ela recusou o conhaque e por alguma razão também não quis comer, dizendo-me:

– Eu não estou com fome nenhuma, come tu, enquanto eu tomo um banho de sol.

Após dizer isto, afastou-se uns três passos do sítio onde eu estava sentado, tirou o casaco, o lenço, a saia comprida e colocou-os na concavidade de uma árvore, ficando com um vestido curto e leve. Quando ela tirou o lenço que cobria a maior parte do rosto, eu quase me engasguei com o conhaque, de tão admirado com o que via. E quando ela ficou apenas com o leve vestido...

Se eu acreditasse em milagres classificava o que acontecera como algo da ordem da metamorfose.

Diante de mim apresentava-se uma mulher muito jovem de cabelos compridos e dourados, com uma figura magnífica. A sua beleza era invulgar. Era difícil imaginar qual das vencedoras dos concursos de beleza mais prestigiados poderia competir com ela pelo seu aspecto exterior e, como depois se revelou, pelo valor intelectual. Tudo naquela eremita siberiana era atraente e encantador.

Anastasia estava deitada sobre a erva, com os braços afastados e as palmas das mãos viradas para o sol, de olhos fechados em

deleite. Fiquei a olhar para ela como que enfeitiçado, e esqueci a comida.

Notoriamente sentindo o meu olhar fixo, ela virou a cabeça para o meu lado, sorriu levemente e fechou de novo os olhos.

O rosto dela não tinha maquilhagem, apenas traços perfeitos com a pele lustrosa, nada parecida com os rostos expostos à intempérie dos habitantes da Sibéria profunda, os olhos grandes cinzentos e bondosos e os lábios sorrindo levemente.

O seu vestido era curto e leve, um pouco parecido com uma camisa de noite, mas ela não dava a impressão de ter frio, apesar de a temperatura estar somente entre os 12 e os 15 graus.

O sol reflectia-se nas palmas das suas mãos douradas viradas para cima. Ela era maravilhosa e estava semi-nua.

Enquanto olhava para ela, os meus pensamentos e palavras confundiam-se. Tentava entender o que fazer e como agir, e pensava: «Para que é que ela se despiu? Para que é que se deitou na erva assim toda sedutora e bonita? Mas para que é que as mulheres em todas as épocas despem até ao limite as pernas ou o peito ou tudo de uma vez, com decotes e mini saias? Não é para chamar a atenção dos homens que as rodeiam? Como se dissessem: Olha, eu sou tão bela, tão aberta e acessível!... E o que resta aos homens fazer? Resistir à paixão da carne, e com isso rebaixar as mulheres com o seu desprezo, ou dar-lhes sinais de atenção?»

Naquela situação, que sinais de atenção eu deveria dar?

Eu e ela encontrávamo-nos na taiga sozinhos, o que significava que ali não eram precisas palavras, mas algo diferente. Tentar beijá-la? Ou será que ela quer mais do que isso? Perguntei:

– Anastasia, não tens medo de andar sozinha pela taiga?

Ela abriu os olhos, virou a cabeça para mim, sorriu e respondeu:

– Aqui nada tenho a temer, Vladimir.

– É interessante. Como é que te defenderias se te encontrasses com dois ou três homens, geólogos ou caçadores?

Ela não respondeu, apenas sorriu.

Pensei: «Como é que esta jovem beleza, incrivelmente sedutora, não tem medo de nada?»

Até hoje não consigo compreender o que aconteceu em seguida...

Cheguei-me perto de Anastasia, que estava deitada nas ervas, abracei-a pelos ombros e aproximei-a de mim. Ela não opunha muita resistência, embora eu sentisse que tinha bastante força no seu corpo firme. Fiquei um pouco estonteado com o aroma dos seus cabelos e a sua respiração, e tentei...

Mas não consegui fazer nada com ela. A última coisa de que me lembro, antes de perder os sentidos, foi dos seus olhos e das palavras que ela proferiu:

– Não, Vladimir, acalma-te!

Ainda antes disso, recordo-me de ter sido invadido por um pavor incrivelmente forte. Pavor não sabia de quê, como por vezes se tem na infância, quando se está só em casa e surge em nós um medo de alguma coisa.

Quando acordei ela estava de joelhos à minha frente. Uma das mãos estava pousada no meu peito, a outra acenando a alguém para cima e para os lados. Ela sorria, mas não para mim, parecia que era para alguém que invisivelmente nos rodeava ou se encontrava por cima de nós.

Era como se, com o seu gesto, mostrasse ao seu amigo invisível que nada de mal se passava com ela. Depois, olhou-me nos olhos tranqüila e carinhosamente.

– Acalma-te, Vladimir, já passou tudo.

– Mas o que foi isto? – perguntei.

– A harmonia não aceitou a tua atitude para comigo, o desejo que surgiu em ti. Mais tarde, poderás entender tudo por ti mesmo.

– Que «harmonia» tem a ver com isto? Foste tu! Só tu é que começaste a resistir.

– Eu também não aceitei. Para mim foi desagradável.

Sentei-me e puxei o saco para junto de mim.

– Ora essa! Não aceitou! Fui ofensivo para ela... Oh, vocês, mulheres! Fazem tudo para seduzir. Destapam as pernas, põem o peito à mostra, andam de saltos altos. Não é cómodo andar de saltos altos, mas andam! Andam assim e abanam todos os atributos, mas assim que alguma coisa... «Ah, não preciso disso, eu não sou dessas»... Então para que é que se abanam? Hipócritas! Eu sou um empresário, já vi muitas mulheres de todos os géneros. Todas querem o mesmo, só se torcem é de maneiras diferentes. E tu, porque tiraste a roupa de cima? Nem está calor! Depois, deitaste-te nas ervas, caladinha, e ainda a sorrir assim...

– Não me sinto confortável com roupas, Vladimir. Visto-as quando saio da floresta para junto das pessoas, para me parecer com todos os outros. Deitei-me ao sol a descansar para não te incomodar enquanto comias.

– Não me querias incomodar.. Mas incomodaste!

– Perdoa-me por favor, Vladimir. É claro que estás certo quando dizes que todas as mulheres querem que os homens lhes prestem atenção, mas não só às pernas e ao peito. Queremos que não passem por nós sem se dar conta daquele ser único que ali está, esperando que eles saibam ver mais do que isso.

– Mas aqui não passou ninguém sem se dar conta! E o que é preciso ver mais, se em primeiro plano estão chapadas as pernas? Oh como vocês mulheres são tão ilógicas!

– Sim, infelizmente por vezes é assim que acontece na vida... Mas, e que tal se formos andando, Vladimir? Já acabaste de comer? Descansaste?

Surgiu-me o pensamento: «Será que vale a pena continuar a andar com esta filósofa selvagem? Ainda por cima ela é nitidamente detentora de algumas capacidades extraordinárias, uma vez que eu perdi os sentidos apenas ao tocar-lhe. Será que devia voltar para trás? Não, sozinho não consigo encontrar o caminho de volta ao rio. Preciso de continuar»

– Está bem, vamos – respondi eu a Anastasia.



Conselhos de Anastasia

A semente como médico

Anastasia afirmou:

– Cada uma das sementes que é semeada contém em si uma enorme quantidade de informação acerca do universo. Esta informação não é comparável, nem em tamanho, nem em exactidão, com nenhuma coisa feita pela mão humana. Com o auxílio desta informação, a semente sabe exactamente, até ao milésimo de segundo, o momento em que tem que brotar e crescer, que nutrientes absorver da Terra, como utilizar as vibrações dos astros – sol, lua, estrelas – em que planta se tornar e que frutos produzir.

Os frutos estão destinados a serem o sustento do ser humano, e podem combater e evitar qualquer doença do organismo humano com mais eficácia e poder do que todos os medicamentos fabricados no presente ou no futuro. Mas para isso, a semente deve saber qual o estado da pessoa para, durante o processo de maturação, alimentar o fruto com a proporção necessária de nutrientes, a fim de curar alguém em particular de uma doença já existente ou que tenha tendência para contrair.

Para que uma semente de pepino, de tomate ou de qualquer outra planta que se cultive no terreno contenha a informação sobre a saúde de uma pessoa, é necessário o seguinte:

Antes de semear, pôr na boca uma ou mais sementes e mantê-las debaixo da língua pelo menos durante nove minutos.

Depois, segurar a semente entre as palmas das mãos cerca de trinta segundos, e é importante fazê-lo estando de pé e descalço no sítio da terra onde a vai semear.

Deve-se abrir então as mãos, trazendo com muito cuidado a semente para perto da boca e soprar o ar dos pulmões para a semente, aquecendo-a com a respiração. A semente saberá desta forma tudo o que há dentro da pessoa que a semeia.

Em seguida é preciso segurar a semente nas mãos abertas ainda por trinta segundos, apresentando a semente aos astros. A própria semente determinará o momento de despontar e todos os planetas a ajudarão, dando ao rebento a luz de que necessita para produzir frutos, especialmente para a pessoa que a semeou.

Em seguida a semente pode ser deitada à terra, e em nenhum caso deverá ser regada de imediato, pois a água retira a saliva que envolve a semente e que contém toda a informação, que está a ser absorvida pela planta. Pode ser regada três dias depois de ter sido semeado.

É necessário que seja semeada nos dias apropriados para cada vegetal (as pessoas já sabem isso, segundo o calendário lunar). Semear mais cedo, desde que não se regue, não é tão prejudicial como semear tarde demais.

Não se deve arrancar todas as ervas daninhas que cresçam perto dos rebentos da semente. É imprescindível deixar pelo menos uma erva daninha de cada espécie e as ervas podem ser cortadas, não arrancadas.

Segundo as palavras de Anastasia, a semente absorve deste modo a informação sobre a pessoa que a semeia e, enquanto desenvolve o fruto, irá seleccionar do universo e da Terra a máxima quantidade de energia necessária para esta pessoa em particular.

Não se podem arrancar todas as ervas daninhas, porque todas elas têm a sua função: algumas protegem a planta das doenças, enquanto outras dão informação adicional. Durante o período em que a planta está a crescer, é imprescindível comunicar com ela, pelo menos uma vez durante o crescimento, de preferência durante a lua cheia, acercando-se dela e tocando-a.

Anastasia afirmou que os frutos nascidos de uma planta que cresceu desta forma e que são consumidos pela pessoa que a cultivou, têm a capacidade de a curar absolutamente de todas as doenças, de travar consideravelmente o envelhecimento do organismo, de a livrar dos hábitos prejudiciais, e ainda de multiplicar as capacidades mentais e de trazer um sentimento de paz interior.

Os frutos terão mais eficácia se forem consumidos o mais tardar três dias após terem sido colhidos.

É necessário aplicar as instruções mencionadas acima a diferentes espécies de plantas cultivadas no terreno.

Não é necessário semear assim toda a fileira de pepinos, de tomate, e assim por diante, é suficiente fazê-lo só com algumas sementes de cada.

Os frutos cultivados deste modo vão distinguir-se dos outros da mesma espécie, não apenas pelo sabor; se lhes for feita uma análise, verifica-se que também se diferenciam pela proporção de nutrientes que contêm.

Quando se plantarem os rebentos é muito importante alisar com as mãos e com os dedos dos pés descalços a terra lavrada e cuspir para a pequena cova. À pergunta: «porquê com os pés?», Anastasia

esclareceu que através da transpiração dos pés são eliminadas substâncias (provavelmente toxinas) que contêm informação sobre as doenças do organismo. Esta informação é recebida pelos rebentos, que irão transmiti-la aos frutos, tornando-os assim capazes de neutralizar as doenças. Anastasia aconselhou que se caminhe descalço pelo terreno de tempos a tempos.

– E que plantas deveremos cultivar?

Anastasia respondeu:

– A variedade que existe na maior parte dos terrenos é suficiente: framboesa, cássis, groselha, pepino, tomate, morango silvestre, qualquer espécie de macieira. É muito bom se houver ginja ou cereja e flores. Não é muito importante a quantidade de plantas de cada espécie, nem a extensão da área de cultivo destas variedades.

Entre as plantas obrigatórias, sem as quais é difícil imaginar um microclima energético completo, encontra-se o girassol (pelo menos um). É imprescindível semear uma área de um metro e meio a dois metros quadrados de cereais – centeio ou trigo, por exemplo – e absolutamente necessário deixar uma pequena ilha de pelo menos dois metros quadrados para ervas selvagens variadas. Essa «ilha» não deve ser semeada artificialmente, ela deve ser natural e, se não tiverem preservado as ervas selvagens no vosso terreno, é essencial trazer da floresta algumas ervas com raízes e criar esta ilha com a sua ajuda.

Perguntei a Anastasia se seria mesmo necessário cultivar estas plantas que ela considera imprescindíveis no próprio terreno, se por detrás da cerca, ali bem perto, já existirem estas ervas variadas. E obtive a seguinte resposta:

– Tem importância não apenas a variedade de plantas, mas também a forma como estas são plantadas e a convivência, a comunicação com elas, que lhes permite receber a informação de que necessitam.

Já te falei sobre um dos métodos de semear, este é o principal método para o fazer. O mais importante é impregnar o pedacinho de Natureza que te rodeia com informação sobre ti. Só assim o efeito de cura e o suporte vivificante do corpo será significativamente maior do que o proveniente dos frutos simples. Na Natureza selvagem, como vocês a chamam, que não é selvagem, somente desconhecida para vós, há muitas plantas que podem curar absolutamente todas as doenças que existem. Estas plantas foram criadas com esse fim, mas o homem perdeu, ou quase perdeu, a capacidade de as identificar.

Contei a Anastasia que entre nós há muitas farmácias especializadas que comercializam ervas medicinais e que há também médicos ou simples conhecedores que fazem tratamentos com ervas profissionalmente, ao que ela respondeu:

– Existe um médico principal, que é o teu corpo. Ele foi concebido originalmente para ter a capacidade de saber que erva deve ser utilizada, e quando. Para saber como se alimentar e como respirar, para além de ser capaz de determinar uma doença ainda antes dela se manifestar. Ninguém pode substituir o teu corpo, já que ele é o único médico que Deus te ofereceu individualmente, e só a ti pessoalmente. Eu conto-te como lhe podes dar a possibilidade de actuar em teu benefício.

Ao estabeleceres ligação com as plantas do teu terreno, elas irão cuidar-te e curar-te. Elas irão fazer o diagnóstico preciso e preparar o medicamento específico e mais eficaz, justamente para ti.

A quem ferram as abelhas?

Em cada terreno é imprescindível ter pelo menos uma colmeia de abelhas.

Eu disse a Anastasia que entre nós são raras as pessoas que sabem lidar com as abelhas. Para isso, as pessoas estudam em escolas especiais, mas nem sempre conseguem bons resultados.

Ao que ela respondeu:

– A maior parte do que fazem para manter uma colmeia de abelhas só atrapalha. Nos últimos mil anos, apenas duas pessoas na Terra conseguiram aproximar-se do entendimento dessa forma de vida única.

– Quem foram eles?

– Foram dois monges que são considerados santos. Podes ler sobre eles nos vossos livros, que se encontram nos arquivos dos mosteiros.

– O quê, Anastasia, também lês literatura de igreja? Onde? Quando? Nem sequer tens um único livro!

– Eu utilizo um método mais perfeito de receber informação.

– Qual? Estás a dizer outra vez coisas que não se entendem. Prometeste que não ias recorrer a fantasias nem a misticismos.

– Vou falar-te sobre isso, posso tentar ensinar-te. Agora não irias entender, mas é simples e natural.

– Está bem. Mas então, o que é necessário para manter as abelhas nos terrenos?

– É apenas necessário fazer uma colmeia como a que as abelhas teriam nas suas condições naturais, é tudo. O trabalho posterior consiste só em retirar das abelhas uma parte do mel, cera e outras substâncias que elas produzem, que são muito benéficas para o ser humano.

– Anastasia, isso não é nada simples. Quem é que sabe como deve ser essa colmeia natural? Se me disseses como é que eu a posso fazer com os materiais que temos disponíveis, seria mais viável.

– Está bem – disse-me ela a sorrir – Tens que esperar um bocadinho. Eu tenho que visualizar, tenho que ver o que existe disponível, como tu dizes, para as pessoas no mundo de hoje.

– Onde deve ser colocada para que não estrague a vista do lugar? – acrescentei.

– Também vou tentar ver isso.

Ela deitou-se nas ervas, como sempre fazia para visualizar as situações do nosso mundo, mas desta vez fiquei a observá-la atentamente. Anastasia estava deitada sobre a erva com os braços abertos e as palmas das mãos viradas para cima. Os dedos estavam meio dobrados e as extremidades, mais precisamente as extremidades de quatro dedos de cada mão, tinham também as pontas apontadas para cima.

Os dedos das mãos dela mexeram-se primeiro um bocadinho e depois pararam.

Os olhos estavam fechados e o corpo todo descontraído. De início, o rosto também estava descontraído, mas em seguida correu por ele uma brisa imperceptível de algum sentimento ou sensação.

Mais tarde, ela explicou que ver à distância está ao alcance de qualquer pessoa, desde que seja educada de certa forma.

E sobre a colmeia, Anastasia disse o seguinte:

– É necessário um cepo. Podes pegar num tronco com um buraco e escavar para aumentar a cavidade ou construí-lo com tábuas de árvores caducas. A largura das tábuas deve ser pelo menos de 6cm; o espaço interior pelo menos 40 x 40 cm; e o comprimento cerca de 1,20 m. Nos cantos das junções internas devem ser colocadas pequenas ripas triangulares para que os cantos fiquem arredondados. As ripinhas podem ser só levemente coladas, pois as abelhas vão depois fixá-las melhor. Um dos topos pode ser encerrado totalmente com uma tábua com a mesma espessura, e o

outro topo deve ser de forma a poder abrir-se. Para isso, deve-se fazer coincidir o tamanho da tábua com o da abertura, de modo a poder depois ser fixada com um trapo ou com ervas. Tapar todo o fundo com trapos. A todo o comprimento de uma das junções entre as tábuas deixar uma fresta com cerca de 1,5 cm. As frestas ou a fresta única não devem chegar até ao topo da abertura, deixar uns 30 cm de distância deste. Esta colmeia pode ser colocada sobre estacas em qualquer parte do terreno, devendo ser colocada sobre a terra a pelo menos 20 a 25 cm de altura, com as frestas viradas para Sul. Mas ainda é melhor instalá-la debaixo do telhado da casa, assim a pessoa não incomoda as abelhas quando levantam voo e elas também não incomodarão.

Neste caso, a colmeia deve ser colocada horizontalmente um pouco inclinada, num ângulo de 20 a 30 graus. A parte que se abre deve ficar virada para baixo.

A colmeia também pode ser instalada no sótão, mas para isso tem que haver aqui uma boa ventilação.

O melhor é fixá-la mesmo debaixo do telhado, virada a Sul, ou em cima do telhado. É necessário apenas garantir que é possível alcançar a colmeia para extrair uma parte dos favos, que estarão repletos de mel.

Deve colocar-se sobre uma pequena plataforma e por cima deve ter um toldo para a proteger do Sol. Durante o Inverno pode ser embrulhada para a isolar do frio.

Comentei com Anastasia que uma colmeia assim será bastante pesada e o toldo e a plataforma podem estragar a aparência da fachada da casa. O que fazer neste caso?

Ela olhou para mim um pouco admirada, e depois disse:

– O que acontece é que a forma de agir dos vossos apicultores não é muito correcta. O meu avô contou-me. Os apicultores

modernos inventaram muitas formas de construir colmeias e todas têm em conta que o ser humano irá intrometer-se continuamente no ninho das abelhas – os apicultores retiram e voltam a colocar as molduras com favos e no Inverno movem as colmeias de um lugar para outro, mas isto não se deve fazer.

As abelhas constroem os favos com uma distância precisa entre eles, tendo em conta todo o sistema de ventilação e a luta contra os inimigos, e qualquer interferência destrói este sistema. Em vez de produzirem mais mel e criarem novas abelhas, têm que se ocupar com o remendar dos estragos.

Em condições naturais as abelhas vivem nas concavidades das árvores e dão conta de todos os seus problemas. Conte-te como podem ser criadas em condições o mais próximo possível das naturais. Podem-se retirar muitos benefícios da sua presença. São elas que polinizam com mais eficácia todas as plantas e fazem crescer a produção, mas isso já todos vocês devem saber bem.

Pode ser que desconheçam que as abelhas abrem com as suas trombinhas os canais das plantas através dos quais entra a informação adicional reflectida pelos planetas, e que é necessária às plantas e, por conseguinte, ao ser humano.

– Mas as abelhas ferram as pessoas! Que descanso terá uma pessoa na *dacha*, se estiver sempre com medo de ser picada?!

– As abelhas ferram quando a pessoa tem uma atitude agressiva para com elas, as afasta, se assusta ou está com uma disposição interior muito agressiva, não só para com as abelhas, mas também para com qualquer outro ser. As abelhas sentem-no e não aceitam o emanar de quaisquer sentimentos obscuros. Além disso, elas podem ainda ferrar em partes do corpo onde há canais que comunicam com um órgão interno doente, ou onde a aura protectora está rompida, ou ainda onde haja outros desequilíbrios.

Vocês sabem o quão efectivamente as abelhas curam doenças como a que chamam de radiculite, contudo, não é de longe a única coisa que elas podem fazer.

Se fosse falar de todas as possibilidades, e ainda provar as evidências, como tu queres, terias que passar aqui comigo, não três dias, mas muitas semanas. No vosso mundo escreve-se muito sobre abelhas, eu apenas fiz algumas correcções a esses conhecimentos – acredita, por favor, que são correcções essenciais.

É muito simples instalar uma colónia de abelhas numa colmeia como esta. Para isso, é preciso atrair um enxame à colmeia, colocando anteriormente dentro dela um pouco de cera e alguma planta doce. Não é preciso construir nenhuma molduras nem favos artificiais. Mais tarde, quando as colónias de abelhas estiverem estabelecidas em vários terrenos vizinhos, as abelhas vão reproduzir-se e quando fizerem enxames irão ocupar as colmeias vazias.

– Como se deve recolher o mel?

– Abre-se a tampa inferior, quebram-se os favos que estão pendentes e recolhe-se o mel selado e o pólen. Não se pode ser ganancioso. É necessário que fique uma parte do mel para as abelhas terem no Inverno. E no primeiro ano é melhor nem retirar mel nenhum.

Saúdo-te, Manhã!

Anastasia falou então sobre a rotina da manhã nas condições do terreno da *dacha*:

– De manhã, preferencialmente ao nascer do Sol, pode sair descalço para o terreno e aproximar-se das plantas de que se tiver vontade, e dar uma festinha a uma ou outra. Não é necessário fazê-lo como uma tarefa obrigatória nem repetitiva ou um ritual diário,

mas como se quiser, segundo a vontade surja. Contudo, é necessário fazer isto antes de se lavar. Assim as plantas sentirão o cheiro das substâncias que são expelidas pelo organismo durante o sono através dos poros da pele.

Se estiver bom tempo e houver por perto pelo menos um pequeno espaço com ervas, o que é aconselhável que exista, é necessário deitar-se sobre elas durante uns quatro minutos e espreguiçar-se. Se nesta altura aparecer algum insecto a rastejar sobre corpo, não o afastar. Muitos insectos desobstruem os poros do corpo da pessoa, limpando-os. Normalmente, são desobstruídos os poros através dos quais saem as toxinas que trazem à superfície da pele todo o tipo de doenças internas, possibilitando que a pessoa os lave. Se no terreno existir algum lago ou reservatório de água é imprescindível mergulhar nele. Se não existir, pode entornar-se água por cima do corpo, ficando descalço perto da horta com as plantas ou, melhor ainda, entre os carreiros de plantas. Pode ainda fazer-se, por exemplo, uma manhã junto à fila de framboesa, outra junto à de groselha, etc.

Depois de se molhar não se deve enxugar de imediato. Devem sacudir-se as gotinhas de água das palmas das mãos, como que a espalhá-las pelas plantas em redor. Sacudir as gotas de água das partes restantes do corpo da mesma maneira. Em seguida, pode fazer-se as rotinas habituais de se lavar e utilizar os produtos e acessórios a que esteja habituado.

Rotina do fim do dia

À noite, antes de dormir, é importante lavar os pés, usando água à qual se adiciona uma pequena quantidade (algumas gotas) de suco de anserina ou de urtiga – ou os dois ao mesmo tempo, mas não usar

sabão nem shampoo. Depois dos pés lavados, despejar a água na horta. Depois, se houver necessidade, podem lavar-se os pés com sabão.

Esta rotina do fim do dia é importante por duas razões: quando os pés transpiram, através do suor saem toxinas que expelem as doenças internas do organismo; e é necessário lavá-los para limpar os poros. O extracto de anserina ou de urtiga é bom, porque facilita este processo. Ao deitar-se fora a água na terra, está-se a dar informação adicional sobre o estado presente do corpo aos microrganismos e plantas.

Isto também é importante. Somente após o recebimento desta informação o mundo visível e invisível que os rodeia pode fabricar e extrair do universo e da Terra tudo aquilo que é necessário para que o organismo funcione bem.

Ele próprio prepara tudo

Eu ainda estava interessado em saber o que Anastasia tinha a dizer sobre alimentação, uma vez que ela se alimenta de uma forma muito peculiar. Por isso perguntei-lhe:

– Anastasia, diz-me como pensas que uma pessoa se deve alimentar – o que deve comer, quando, quantas vezes ao dia e em que quantidade? Entre nós dá-se muita atenção a esta questão. Existe uma grande quantidade de literatura, receitas de alimentação terapêutica, conselhos para emagrecer.

– Nas condições do mundo tecnocrata, é difícil imaginar de outro modo o estilo de vida das pessoas. As forças obscuras tentam sempre substituir o mecanismo natural deste mundo, que foi dado ao ser humano na origem, pelo seu desajeitado sistema artificial, que contradiz a Natureza humana.

Pedi a Anastasia para falar mais concretamente, sem as suas deduções filosóficas, e ela continuou:

– Sabes, a essas tuas questões sobre o quê, quando e que quantidade o ser humano deveria comer, ninguém pode responder melhor do que o organismo de cada pessoa em particular. A sensação de fome e de sede foram dadas pela Natureza para isso mesmo, para dar sinal individualmente a cada pessoa, indicando quando tem que comer. Esse será o momento mais adequado para cada um.

O mundo tecnocrata é incapaz de proporcionar ao ser humano a possibilidade de satisfazer a sensação de fome e de sede no momento desejado pelo organismo, e por isso começou a empurrar as pessoas para o padrão das suas convenções sem base, ainda por cima justificando-o com uma certa racionalidade.

Imagina uma pessoa que está sentada durante metade do dia quase sem gastar energia, enquanto outra executa algum trabalho físico ou simplesmente corre, enchendo-se de suor, gastando assim dezenas de vezes mais energia – ambas têm que comer exactamente à mesma hora!

Uma pessoa deveria comer no momento que lhe é aconselhado pelo organismo e não pode haver outro conselheiro. Entendo que nas condições do vosso quotidiano isso seja quase impossível, mas para as pessoas que se encontrem nos seus terrenos, perto das suas casas, existe esta possibilidade e é essencial aproveitá-la, livrando-se das directrizes artificiais que vão contra a Natureza.

O mesmo posso dizer em resposta à tua pergunta sobre o que se deve comer. Será aquilo que no momento se encontrar, por assim dizer, «à mão». O organismo escolherá por si o que lhe é necessário. Entre as coisas não tradicionais posso aconselhar o seguinte: se na vossa casa existe algum animal, um gato ou um cão, observem-no com atenção. Ele, de vez em quando, escolhe de entre as ervas uma

espécie qualquer e come-a. Pelo menos algumas ervinhas dessas é necessário arrancar e juntar à comida. Não é obrigatório fazer isto diariamente – uma ou duas vezes por semana é suficiente.

Também é necessário ceifar por si próprio as espigas dos cereais, debulhar, moer, fazer farinha e cozer pão. É extremamente importante. Uma pessoa que coma este pão somente uma ou duas vezes por ano, recebe uma reserva de energia capaz de activar as suas forças espirituais internas – não só acalmar a alma, mas também exercer uma influência benéfica no estado físico.

Este pão pode também ser partilhado com os familiares e os amigos. Neles, irá também exercer uma influência muito benéfica, se for dado com sincera bondade.

É muito bom para a saúde de uma pessoa pelo menos uma vez por ano, durante o Verão, alimentar-se durante três dias apenas com aquilo que crescer na sua horta, utilizando como complemento pão, óleo de girassol e o mínimo de sal.

Já antes descrevi como Anastasia se alimenta. Enquanto falava comigo sobre tudo isto, ela ia arrancando, descontraidamente, uma ervinha, depois outra, mastigava e também me ia oferecendo. Decidi provar. O sabor não me impressionou, mas também não provocou nenhuma sensação desagradável.

O processo de alimentação e sobrevivência do organismo de Anastasia está integrado na Natureza, e nunca faz parar o seu pensamento, que está ocupado com outros problemas. Ao mesmo tempo, a sua saúde constitui uma parte inseparável da sua extraordinária beleza exterior.

Segundo as afirmações de Anastasia, o organismo de uma pessoa que estabeleça tal relação com a Terra e as plantas, o mundo vegetal e o solo do seu terreno, tem a possibilidade de se libertar absolutamente de todas as doenças.

Uma doença é por si só o resultado do afastamento entre o ser humano e os mecanismos naturais, cuja função é cuidar da saúde e sobrevivência. Para estes mecanismos naturais a luta contra qualquer doença não representa nenhum problema, uma vez que nisso consiste o sentido da sua existência. Uma pessoa que tenha estabelecido este tipo de contacto com Natureza, ao aproximar-se de um pequeno terreno no mundo natural, pode extrair benefícios bem maiores do que somente a luta contra as doenças.



Mensagem de Vladimir Megre aos leitores

Na internet apareceram entretanto inúmeros *sites* em diferentes línguas, cuja temática se assemelha às ideias apresentadas pela heroína da série de livros «Cedros Ressoantes da Rússia», Anastasia.

Muitos *sites* afirmam-se como sendo sites oficiais, utilizando o meu nome, Vladimir Megre, e respondendo mesmo a cartas de leitores em meu nome.

Por essa razão achei que seria necessário informá-lo, prezado leitor, da minha decisão de criar um *site* internacional oficial www.vmegre.com – sendo esta a única fonte oficial para receber correspondência dos leitores em todas as línguas do mundo.

A subscrição do *site*, necessária também para receber as *news-letters*, dará a possibilidade de receber informação sobre as datas e locais das conferências de leitores, entre muitas outras coisas.

Este canal de comunicação entre mim e vós, prezados leitores, o nosso *site* conjunto, irá conter informação sobre o movimento «Cedros Ressoantes da Rússia» em todo o mundo.

Respeitosamente,
Vladimir Megre